

Transtis trópicos: de volta à ilha de “Serei.a.descartada”¹

Ariska Derri da Costa Lopes² (UFAM)

Palavras-chave: resíduos; audiovisual; travestilidades.

A natureza é uma ilha de descarte, desrespeitada. Uma joia roubada, assim como o meu corpo. Prisão eurocêntrica. Deserta de vida fez a ilha, povoada de medo, vergonha, culpa. Da natureza, do lixo e do descarte vem a força de criação. É da imaginação que me foi passada pelos meus ancestrais que faço possível derrubar o que foi importado como concreto. Aos que não conhecem nosso poder, não se espantem, o lugar de exílio virou o de retomada³

1. O desembarque⁴ na ilha

Os clássicos me pedem para que eu me divirta com seus títulos, considerando suas intenções questionáveis e fiadas por poderes nada ocultos. Não é reparação, é apenas gargalhar historicamente, um exercício daquilo que ouvi da boca mágica de uma yalorixá em uma tarde cheia de axé e cura, “brincar é urgente”⁵. Aqui, nesse trópico ficcional e catártico, não há nada de triste. Qualquer lágrima é antes de tudo a seiva quente de uma semente contrabandeada, profanada, descartada e reciclada para, então, ser importada. Imposta a si, submissa e subalterna ao Outro que não é si, mas em si se aloja e implode, enquanto construção identitária programada a um padrão dentro de um [c]sistema-mundo social. O desembargar-se dessas e de outras configurações

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas (PPGAS-UFAM). O ensaio é uma provocação possibilitada a partir da disciplina Antropologia das Relações de Gênero, ministrada pela professora doutora Márcia Regina Calderipe no semestre de 2023/1.

³ Sinopse da obra audiovisual *Serei.a.descartada* (ARISKA, 2022). Disponível em: <https://cafepretoprod.wixsite.com/plataformaribanceira>. Acesso em agosto, 2023.

⁴ Este texto é brincante. Nesse sentido, sempre que viável, na medida do enfadonho, estarão presentes jogos de palavras e termos, a fim de tensionar o raciocínio e as normas. Contra um *raciocídio* que limita a expansão da expressão. “Desembargar: 1. suspender o embargo de; levantar (ônus ou encargo que, decorrente de medida judicial, pesa sobre bem ou direito); 2. livrar (alguém ou algo) de (impedimento, obstáculo); desobstruir, desembaraçar”. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

⁵ A fala da mãe de santo Yashodan Abya Yala se deu durante o quinto encontro do Ciclo de Diálogos “Confluências Afroamazônicas: Ecologias, Cuidado e Povos de Terreiro” - “Territórios Ancestrais e Justiça Socioambiental” realizado no bloco do PPGAS na UFAM em 13 de julho de 2023. Mais informações podem ser acessadas em: <https://instagram.com/amataaservaseoaxe?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

aprisionantes é um dos pontos principais a serem expostos aqui, a partir da obra audiovisual Serei.a.descartada.

O curta foi lançado em 2022, concebido durante a primeira edição da residência artística Plataforma Ribanceira, a qual gerou um espaço acolhedor promovendo, além de técnicas, o afeto, e despertando novos imaginários amazônicos multilinguagem criados pelos artistas⁶. Ao longo de seus cinco minutos de duração, há um corpo, um texto sensível e performático sendo narrado, sons e recursos de edição, uma indumentária, a natureza; a partir disso, uma angústia primordial se apresenta, *como falar do todo sem me estender tanto?* Especialmente, ao considerar que a narrativa do curta nunca se apresentou por inteiro durante o processo (concepção, figurino, roteiro, gravação, edição, etc). Além disso, a cada nova visualização consigo acessar, perceber, outros lugares. Assim, buscamos olhar essa obra audiovisual como um texto posto em diálogo com os autores. Para além do que é fruto acadêmico, gosto de citar como referências os conhecimentos que estão em muitos lugares do estar no mundo, e assumo como pré-requisito que “a busca por ordem pode obstruir a visão de uma desordem produtiva”⁷. A fim de desobstruir e desembaraçar minimamente as afetações em atravessamento corpóreo, buscamos realizar pesquisa documental, revisão bibliográfica e análise de conteúdo.

A presente obra trata-se também de um registro processual maior, ou até mesmo em processo, como um eterno devir, visto que marca para a autora que vos fala um momento importante nas minhas transições, à época eu estava não-binária, hoje sou travesti . Dessa forma, o objetivo deste ensaio se faz estabelecer diálogos entre o curta e as leituras empreendidas durante a disciplina de Antropologia das Relações de Gênero, a fim de fomentar uma etnografia sobre a protagonista Sereia e seus tensionamentos discursivos sobre questões de gênero, corpo, identidade e necropolítica. A volta empreendida aqui, como escolhi chamar, não tem como primeiro objetivo compor um

⁶ Os encontros de formação, oficinas e consultorias com artistas da região norte buscou tensionar as criações artísticas atravessadas pelo contexto amazônico. Guiados pelas multiartistas Mafel Matagal, Teti Belém, Ester Medusa, Correnteza Braba e Randy Souza os residentes tiveram a oportunidades de criar uma rede de trocas de vivências e referências locais, visando o fortalecimento de suas obras. Disponível em: <https://cafepretoprod.wixsite.com/plataformaribanceira> . Acesso em agosto, 2023.

⁷ O método serve, principalmente, para organizar os procedimentos de uma pesquisa, para domesticar o que pode ser um emaranhado aleatório de ideias e insights. Mas, ao organizar, ele também exclui, encobrendo outras tantas possibilidades. Selecionar implica sempre o descarte de alternativas. A busca por ordem pode obstruir a visão de uma desordem produtiva. (RAMOS, 2019, p. 3 23)

relato do processo de criação da mesma, apesar de que tais notas podem surgir ao longo da (re)leitura. É antes um não-primeiro contato com a Sereia e suas proposições dialógicas, afinal, além de artefatos da cultura material, fotos e filmes também servem como motivadores de discussão. A provocação audiovisual é um aspecto metodológico importante (DAVEL, FANTINEL, OLIVEIRA, 2019).

Nossa desordem também busca considerar outro ponto importante no que diz respeito às possibilidades ao se trabalhar com pesquisa e o audiovisual, sendo uma delas gerar discussão a respeito de que “um dos problemas de se disseminar o conhecimento somente por meio textual é que isso pode ser exclusivo e excludente” (idem). Além disso, visto que "a performance revela aquilo que, muitas vezes, os textos silenciam" (MARTINS, 2021, p. 47), tal diálogo aponta uma reescrita de narrativa, na qual as existências destoantes às regras impostas pelos muitos mecanismos normativos podem forjar seu protagonismo⁸, assumindo os muitos lugares de exílio e de descarte como retomada em potencial.

2. Navegando pra trás do corpo sujo

Atentem ao não tempo da obra, desembarco na ilha às Xx horas de mais um passo contra o Xy, é julho e também 2023; sou Ariska Derii, uma travesti racializada amazonense, em formação antropológica na UFAM, bolsista de mestrado. Que essa carta possa chegar a mais das minhas, e que mais das minhas cheguem onde quiserem. Especialmente, na medida em que as colonizações avançam na América e em partes do continente africano, uma mentalidade com base na hierarquia racial e sexual também ganha o mundo ao atravessar oceanos e atlânticos. (GARCIA, SILVA, SANCHEZ, 2020). Assim, do topo da pirâmide ilusória importada, surge a noção de perigo, pois na base estão os corpos que ameaçam a pureza civilizatória. Enfrentar não é fácil, por isso o afronte é necessário para que, então, elas possam se empenhar em travessias próprias, livres, esclarecidas e autônomas.

⁸ "Esses modos de adequação, substituição, produção, e invenção, recuperam traços estilístico-culturais, ressignificam o ambiente e reinvestem de poder a pessoa" (MARTINS, 2021, p. 47)

As grandes navegações foram apenas a ponta do iceberg que inaugurou o sistema-mundo do qual fazemos parte. Regido por algoritmos binários, tal mundo segue equações, sendo uma delas programada como { natureza = selvagem = não racional = alvo de destruição X conversão X (negação)² }, a partir da qual são estabelecidas categorias daquilo que é aceitável a sua manutenção e retroalimentação, encerrando existências em um pêndulo que somente permite duas opções possíveis e antagônicas entre si como, por exemplo, os pares homem-mulher, natureza-cultura, atraso-progresso. Com isso, aqueles sujeitos que desviam da norma têm sua humanidade sob alvo do aniquilamento, abjeção e precarização, formas violentas entranhadas na realidade social (ARAÚJO MOTA, 2022). Assim que começo a andar pela ilha, percebo seu aparente vazio, não há informante que me faça traduções.

Tudo está quieto, me sinto observada e não participante. Nem um sinal da sereia por perto, apenas espelhos d'água, cujas superfícies intactas revelam figuras nítidas e fixas que, entretanto, ao mínimo toque se distorcem. E o fazem ao ponto de “desvelar os mecanismos sociais que estabelecem imposições identitárias” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p.2). Religião, medicina, escola, família nuclear, dentre muitos outros exemplos de instituições e seus valores que chegaram juntamente da colonização, como frentes civilizatórias baseadas nos pilares da branquitude eurocentrada, capitalista neoliberal, cis-hétronormativa. Um projeto de longa data em pleno funcionamento contemporâneo, cujas estratégias são constantemente atualizadas e mascaradas em opressões estruturais. Sigo a viagem com meu diário de campo e também com o meu diário de encanto. Aflita com o encontro.

O itinerário aponta uma navegação para trás do corpo sujo, em uma rota anterior ao estabelecimento dessa condição mesma, a de algo sujo. Portanto, um exercício de retomar um imaginário possível a múltiplas formas de expressão identitária-genérica. A partir disso, entende-se que os registros audiovisuais não são registros neutros, mas uma representação politizada de artefatos, pessoas e eventos que explicam a sociedade e seus processos, ou seja, são fontes de poder e capital social, permitindo que grupos marginalizados possam transformar as representações dominantes e, com isso, se transformar. (BANKS, 2007 apud DAVEL, FANTINEL, OLIVEIRA, 2019). Suja, marginal e tantos outros títulos permeiam os alertas sobre se empenhar em uma

aventura antropológica em busca da sereia que foi descartada. Ignoro-os todos. Caminho de peito aberto ao perigo.

Em longa navegação que parece nunca findar, o curso do rio faz curvas em torno do inegável fato de que “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” (FOUCAULT 1979 apud GARCIA; SILVA; SANCHEZ, 2020, p. 9 329). Tamanho aprisionamento se inicia desde as idades iniciais e o objetivo é que assim permaneça até o fim, caso contrário, as tentativas de se libertar serão retaliadas ao ponto de resultar em exílios e extermínios de si e em si. Desse modo, alocadas pelo discurso hegemônico nessa territorialidade, nas “zonas invisíveis e inabitáveis” onde estão os corpos que não “importam”, as travestis balizam as fronteiras da normalidade. (BUTLER 2002 apud MISKOLCI; PELÚCIO, 2007). Em uma das curvas, a Sereia fez seu primeiro contato, lançou uma garrafa plástica em direção à nossa canôa-contracanônica, acenou e mergulhou novamente. Mais detalhes desse momento serão trabalhados na próxima sessão.

Dispensando informantes e tradutores, marcamos a primeira entrevista com nossa agente. As vivências na rua, em espaços de socialização com pessoas trans e travestis e, posteriormente, a possibilidade de se fazer presente em uma residência artística, foram os atravessamentos que a levaram a ilha, ao entender que seu gênero “desordenado” só pode implicar uma sexualidade perigosamente marginal. (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p.8). A partir disso, ela assumiu sua natureza perigosa⁹ certa de não estar errada e muito menos sozinha. Não foram textos que a ensinaram, foram espelhos de carne e osso: a mãe e irmãs travestis, as amigas não-binárias, as mulheres pretas, sua companheira afetiva. Foram as escrituras na pele, no corpo e na alma, cujas palavras eram reveladoras da cultura do ódio¹⁰ ao qual todas estamos

⁹ As normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas de uma coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente “natural” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p.4)

¹⁰ A cultura do ódio direcionada à população de travestis e transexuais, cuja vida tem sido diuturnamente obstada de condições mínimas de cidadania, como resultado de um processo histórico que envolve o período de colonização da América e a construção da hierarquia de raças, a consolidação de classificações como normal e anormal, bem como a edificação do capitalismo enquanto modo de produção, mas que, além do capital, necessita do racismo e do ódio às diferenças para existir (GARCIA; SILVA; SANCHEZ, 2020, p.3)

submetidas e, conseqüentemente, dos mecanismos possíveis de afrontamento e sobrevivência, sendo um dos mais potentes a imaginação.

Passeamos por todo o limite da ilha, descalças, textualizando as texturas dessa volta, afinal, eu havia estado ali também em outro tempo-espaço. A sinestesia de ouvir os ensinamentos da Sereia nos fez estar atentas ao fato de que os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna *irredutíveis à língua e ao ato da fala*. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2004 apud BEZERRA, 2008). Por isso vemos o curta em sua totalidade enquanto diversos discursos, da indumentária da personagem à opção por um estilo de edição e finalização. O expressar-se artisticamente permite criar outras possibilidades de comunicar, afetar e conectar. Além disso, também se constitui como exercício político ao se situar a criação dentro de uma residência artística presentificada no norte do Brasil, por corpos e vivências daqui, cujas violências sistêmicas são tensionadas em formas de re-existência lúdicas, festivas e, não por isso menos combativas e políticas, e tampouco livres da contínua violência (ARAÚJO MOTA, 2022).

Afinal, o olho ocidental tem sido fundamentalmente um olho errante, uma lente viajante frequentemente violenta e insistente na necessidade de espelhos para o conquistador. A subjetividade é multidimensional; portanto, a visão também. (CORRÊA, 2003). Com isso, resalto minha dica, atentem ao não tempo da obra, eu desembarquei na ilha às Xx horas de mais um passo contra o Xy. Completamente tendenciosa, escrevo. Se os clássicos criaram suas historinhas heróicas, também posso me empenhar em imaginar e registrar. Com a responsabilidade de saber que estamos escrevendo memórias. Ou melhor, reescrevendo uma infinidade de narrativas de morte e para a morte. Se por um lado o sistema normativo operado pelo neoliberalismo possui, em sua raiz, uma ojeriza pelas diferenças - sexualidades e corpos dissidentes - ao mesmo tempo o sistema capitalista assimila uma parcela dos corpos indesejáveis. Se não há como escondê-los, que sejam higienizados e alocados no quadro normativo familiar (FOUCAULT, 1988 apud GARCIA; SILVA; SANCHEZ, 2020).

Contra a assimilação recicladora, a sereia é a metáfora da formulação das identidades em trânsito, assegurando o lugar da diferença. Não se estabelece por meio

de oposições binárias, assume significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim (MEDEIROS, 2016). Uma coisa é certa na obra *Serei.a.descartada* (ARISKA, 2021), a retomada do corpo e da identidade fragmentada passa necessariamente por mortes. Não que o horror deva ser descrito de modo poético, mas que a forma de perceber a vida é diferente para quem tem a morte tão presente (BEZERRA, 2008). Ou seja, com a condição de vivência enquanto um erro no projeto hegemônico, portanto alvo de destruição, tal presença se remodela no cotidiano enquanto agência, táticas de sobrevivência e cosmovisão, cuja epistemologia, possa dar conta de suas interseccionalidades. Mortes que também marcam o desfazer-se da ilusão aprisionante cis para o remodelar-se no autoparto travesti. Lembrem-se de que qualquer lágrima é antes de tudo a seiva quente de uma semente. Ao navegarmos para trás, ou mesmo atrás/em busca, do corpo sujo, o mundo se afunda na ilusão de si, pois o gênero é sempre construção e aprendizado (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007).

3. E eu não sou uma sereia? Isso é minha retomada

A obra audiovisual posta aqui em diálogo trata-se de uma vídeo-performance¹¹, cuja personagem principal é uma sereia, a qual veste uma indumentária feita a partir de resíduos sólidos descartados; a narração da história apresenta uma escrita sensível e performática; e a edição do vídeo brinca com efeitos e a sobreposição de sons do ambiente e outros gravados pela artista. As diversas camadas propostas da obra versam sobre as relações de poder, gênero, sistema da moda e o exercício de criar arte pensando em visualidades amazônicas e afrocentradas. Acreditamos ser importante deixar registrado o fato de o curta ter sido concebido a partir da minha subjetividade e dos atravessamentos de outras vivências junto a pessoas trans e travestis. Com isso, quero dizer que não houve leitura de artigos, por exemplo, como os que pude acessar agora estando no mestrado. Mesmo assim, a obra é repleta das mesmas questões e reflexões, algo que demonstra a potência do fazer artístico bem como da vivência na vida real, na

¹¹ A exposição é resultado final das trocas realizadas dentro da Plataforma, residência artística produzida pela Café Preto Produções Artísticas em 2022, com apoio da Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos - ManausCult, contemplado no edital nº 001/2021 - Concurso Prêmio Manaus Zezinho Corrêa.

rua, nas encruzilhadas do dia a dia para a discussão sobre temas tão importantes e caros às existências travestis e transgêneres.

Piso de volta na ilha da Serei.a., a agente do presente ensaio, sem a intenção de alongar ou esgotar uma análise do vídeo enquanto objeto. É justamente sobre esse estar enquanto objeto um dos problemas, pois mais do que nunca, a sereia é viva no tempo, navega na história, é parte e possui sua agência mítica (iconografia ao longo da história, por exemplo). Como seres de natureza imaginária, por estarem fora de seu espaço "natural", sem terem sido admitidas ao novo espaço social que ocupam: nem homens nem mulheres, em termos culturais, seres anômalos, aparentados antes aos monstros¹² do que à raça humana (CORRÊA, 2003), as sereias também possuíram sua estética embranquecida ao longo dos tempos, entre a demonização e a sexualização.



Fig.1: Engarrafada na visão eurocêntrica aos 2 minutos e 07 segundos. Em uma espécie de documentação de existências, uma pessoa é uma pessoa, no mínimo é ser humano. Já um cidadão é um protocolo, expresso em variadas sequências numéricas de cpf, rg, passaporte. Garrafas plásticas flutuando no igarapé com xerox de documentos dentro. Fonte: Serei.a.descartada (ARISKA, 2022).

Ao iniciar o curta com os dizeres “lixo, luxo, corpo sujo, serei a descartada” (ARISKA, 2022), dentre as muitas linhas dialógicas possibilitadas, uma das principais parte da reflexão de que “as pessoas trans sempre fomos ciborgues” (LEAL, 2021, p.

¹² “Os monstros sempre definiram os limites da comunidade no imaginário do Ocidente. Os Centauros e as Amazonas da Grécia antiga estabeleceram os limites da polis nuclear dos gregos humanos e masculinos, disrompendo o casamento e poluindo as fronteiras entre o guerreiro, a animalidade e a mulher” (idem).

15), demarcando a realidade desses corpos em risco constante de descarte por esses esquemas normativos que operam produzindo diferença entre aqueles que são mais e os que são menos humanos (BUTLER, 2011). Tensões presentes no figurino, no texto da obra e nos elementos de cena (Fig.1). Como produtos de um sistema-mundo, as identidades são fabricadas, embaladas e comercializadas no mercado mundial, seguindo estritos padrões de propaganda, os mesmos que, uma vez estabelecidos, “reforçam o mito da superioridade branca, cuja eficácia é demonstrada pelos efeitos de estilização, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer é internalizado” (GONZALEZ, 1988)



Fig.2: Binariedade seletiva coletada, recicladas para serem caladas aos 1 minuto e 26 segundos. Embranquecer também é silenciar em diferentes instâncias. Xerox de certidão de nascimento sendo rasgada depois de molhada. Fonte: Serei.a.descartada (ARISKA, 2022).

A partir disso, é possível perceber a potência de se oportunizar iniciativas que movimentam a imaginação e a fabulação de si, algo perpassado pelo lugar de onde se fala e os atravessamentos com outras vidas e histórias. Afinal, “ficcionalizar e fabricar a si mesmo, em coletivo, constrói imaginações e universos seguros, possíveis dentro de regimes de violência sistêmicos às suas vivências nos espaços” (ARAÚJO MOTA, 2022, p. 12). Há muitos textos/discursos em diálogo no curta, sendo a indumentária um dos centrais, uma vez que é feita a partir da reutilização de resíduos sólidos (sacolas e garrafas plásticas, tecido), o que torna óbvia e corporificada o caráter descartável da personagem, pois a “vestimenta é parte, o ser é o todo. Se, por um lado, não se pode

tomar a primeira para a determinação do segundo, num processo metonímico de reconhecimento da alteridade, por outro, as pistas de um – a parte – ajudam-nos na compreensão do outro – o todo” (MEDEIROS, 2016, p. 8).



Fig.3: E isso é só minha retomada aos 2 minutos e 51 segundos. Fonte: Serei.a.descartada (ARISKA, 2022).

Criar a partir das provocações que vivo e das estimuladas pelos materiais que uso, especialmente, reciclados, naturais e achados é algo que atravessa as minhas diferentes formas de produzir, por isso com o texto não se faz diferente. Quando digo que os clássicos me pedem para que eu brinque com seus títulos, trata-se de se fazer presente ali naquela materialidade, politicamente¹³. Assim, questiono, e eu não sou uma sereia? Há mais de 5 séculos a América foi invadida e violentada; há 5 anos alguém aprendeu isso e escolheu ignorar, porque o mundo está posto e seus privilégios também. Para quem é racializado e dissidente de gênero, a cada 5 segundos é preciso buscar estar forte para continuar enfrentando e afrontando todos os mecanismos que operam para que o mundo posto permaneça invadindo, violentando e aniquilando tudo o que foge a sua programação capitalista neoliberal. E eu não sou uma sereia?

¹³ “É muito interessante entrar em contato com textos que ora podem ser lidos como discurso político, ora como documento histórico, ora como proposição teórica. Esta mistura explícita e intencional das ordens analíticas, políticas e normativas fascina pelo desafio de compreender o texto em seu contexto de luta política real – não encerrado ou limitado pelas exigências acadêmicas ou fronteiras disciplinares” (BALLESTRIN, 2020, p. 9).

Sinto-me sem fôlego a essa altura da nossa aventura antropológica, teria a Sereia me arrastado para o fundo do igarapé da avenida Manaus 2000? O fato é que estou cada vez mais submersa na inegável responsabilidade de contar histórias, pois a palavra - tanto da tradição oral quanto do livro, do documento escrito - é o lugar da construção da identidade, pois é onde se preserva a memória. Afinal, é imperativo, no processo de formação e consolidação da identidade, o questionamento do que deve ou não ser lembrado. (BEZERRA, 2008). Desse modo, fomentar uma autoestima travesti, preta, amazônida, por meio do exercício imaginativo de criar indumentárias e diversas outras linguagens artísticas como, por exemplo, o audiovisual representa uma possibilidade de enfrentamento ao sistema, uma vez que “o pacto travesti é o de contribuir para as anunciações de que o mundo colonial é indefensável e insustentável” (LEAL, 2021, p. 7).



Fig. 4: Serei.a. em retomada. Contra a reciclagem de consciência aos 4 minutos e 30 segundos. Travesti de calcinha sobre tela. Fonte: Serei.a.descartada (ARISKA, 2022).

4. A certidão dissolve em água

Não sei quanto tempo já se passou desde que cheguei aqui nos *Transtis* Trópicos, já me sinto tão não humana quanto todas elas e elus. E ainda há muito o que morrer, pois *enterra-se um corpo e desenterra-se uma subjetividade* (MEDEIROS, 2016, p. 7). Ao mergulhar com a Sereia, o papel da certidão de nascimento, a

documentação do que é humano e projeto de cidadão, se dissolveu ao primeiro contato com a água. Meu corpo permaneceu. Ora em transe, sempre em trânsito, pois “a viagem não começa quando se percorrem as distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores” (COUTO, 2006, p. 65 apud BEZERRA, 2008). E desse território eu não possuo nenhum mapa, as rotas são traçadas conforme se está no mundo. Por isso, registrar, assim como brincar, é urgente. E dessa forma, torço para que essa carta possa chegar a mais das minhas, e que mais das minhas cheguem onde quiserem. Também é sobre “agir no ideário que a cisgeneridade criou sobre os corpos transgêneros: dos fetiches para os feitiços” (LEAL, 2021, p.13). Cansei de me calar e de pedir desculpas. Boa viagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO MOTA, E. **Sereias do asfalto, bonecas e outras bichas**: apontamentos sobre cenas transviadas e violências de gênero no Brasil. *methaodos.revista de ciencias sociales*, 10 (1): 102-117. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17502/mrcs.v10i1.539>

ARISKA. **Serei.a.descartada**. Café Preto Produções. Manaus, AM: 2022. Disponível em: <https://cafepretoprod.wixsite.com/plataformaribanceira>

BEZERRA, Rosilda Alves. **O OUTRO PÉ DA SEREIA: IDENTIDADE E ALTERIDADE NO ENCONTRO ENTRE CULTURAS**. A Cor das Letras (UEFS) , v. 1, p. 171-185, 2008.

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 1, n. 1, p. 13-13, 2011. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>. Acesso em 17 de fev. 2023.

CORRÊA, Mariza. **A natureza imaginária do gênero da história da antropologia**. IN: *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003, p. 20-32.

DAVEL, E. P. B. ; Fantinel, Leticia Dias ; OLIVEIRA, J. . **Etnografia audiovisual: potenciais e desafios na pesquisa organizacional**. *ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE (ONLINE)* , v. 26, p. 579-606, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/osoc/a/VCPjx67wZWmTWqtWSd5943S/abstract/?lang=pt> > acesso em: 18 jul, 2023.

GARCIA, CARLA CRISTINA ; SILVA, FABIO MARIANO DA ; SANCHEZ, MARCELO HAILER . **Capitalismo e razão neoliberal**: ódio colonial e extermínio de

travestis e transexuais no Brasil. SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE , v. 138, p. 321-341, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.º. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Fabulações travestis sobre o fim.** Conceição/conception Revista do programa de pós-graduação em artes da cena, v.10, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEDEIROS, C. B. . **A REINVENÇÃO DO CORPO: PERSPECTIVAS DIASPÓRICAS.** Mulemba , v. 1, p. 21-29, 2016.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. **Fora do sujeito e fora do lugar:** reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. Gênero, v. 7, n. 2, p. 257-269, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30980/18069>

RAMOS, Alcida Rita. Metodologias. **Nem contra, nem a favor, muito pelo contrário.** Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, n.50,p,21-31, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337270434_Metodologias_Ni_en_contra_ni_a_favor_todo_lo_contrario